

Cresce a dívida da América Latina

por Getúlio Bittencourt
de Nagoya
(Continuação da 1ª página)

em 1990, acumulando agora um recuo de 11% em três anos. O do Peru caiu 6%, desabando 25% nos últimos três anos. E o do Brasil diminuiu 4% (ou 4,6% segundo os dados revisados do IBGE).

O desempenho regional negativo fica mais acentuado pelo fato de que a economia mundial expandiu-se em 1990, ainda que por apenas 1%, vindo de taxas de crescimento de 4% em 1988 e 3% em 1989. O volume do comércio internacional cresceu mais do que a economia mundial no ano passado, a uma taxa de 5,5%.

Mas a projeção do BID para a nova década continua otimista. O estudo indica que, num cenário de reforma econômica continuada, haverá uma tendência para a aceleração do crescimento da economia da região para o patamar de 5% ao ano no final da década.

Nesse contexto, a relação entre pagamento de juros da dívida externa e as exportações cairia dos 25% atuais para cerca de 12,5% por volta do ano 2000. Num segundo cenário, mais pessimista, o BID prevê um crescimento anual ao nível de 2,3% para os anos 90, melhor que a taxa regional de 1,1% na década de 80, mas insuficiente para elevar o padrão de vida dos latinos.

A situação do BID, porém, é bem melhor que a da região. O banco fez em 1990 o maior volume de empréstimos de sua história, US\$ 3,881 bilhões, um aumento de 46% — em relação a 1989 — que se tornou possível com a duplicação de seu capital a partir do ano passado. Como os empréstimos do BID cobrem apenas parte do valor dos projetos, eles viabilizaram investimentos totais na região de cerca de US\$ 13 bilhões no ano passado.

O Brasil ainda é o maior tomador de empréstimos do BID, com US\$ 7,439 bilhões acumulados até dezembro último, seguido de perto pelo México com US\$ 6,44 bilhões. Argentina, Chile e Colômbia formam o próximo bloco de grandes tomadores, com cerca de US\$ 4 bilhões cada um. Mas o Brasil vem desacelerando o volume de seus novos empréstimos nos últimos anos.

No ano passado, repetindo o padrão que se mantém desde a segunda metade do governo José Sarney, o BID concedeu apenas US\$ 392,9 milhões ao Brasil, contra US\$ 958,3 milhões para o México. Também passaram o Brasil em 1990 a Venezuela (com US\$ 740 milhões) e a Colômbia (com US\$ 444 milhões).

O BID teve uma renda líquida de US\$ 341,207 milhões no ano passado, vindo de uma renda líquida de US\$ 220,579 milhões em 1989.

Cresce a dívida da *Externa* América Latina

* 8 ABR 1991

por Getulio Bittencourt
de Nagoya

Os anos 90 não começaram bem para a América Latina, segundo o relatório anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), divulgado neste final de semana. A dívida externa da região cresceu mais US\$ 3,5 bilhões. O Produto Interno Bruto (PIB) diminuiu 0,8% e a transferência negativa, a diferença entre novos empréstimos do BID e pagamentos feitos, foi de US\$ 295 milhões.

A queda no PIB combinado da América Latina e do Caribe acontece pelo terceiro ano consecutivo. Desta vez, com a agravante de que as receitas de exportação da região subiram 7,2%, na comparação entre 1990 e 1989, indicando uma deterioração dos termos de troca.

Os índices de inflação, na maioria dos países, foram maiores do que em 1989. E a elevação na dívida externa deve-se, sobretudo, ao aumento de US\$ 10 bilhões na conta de juros atrasados, pela qual o Brasil, sozinho, conta cerca de US\$ 8 bilhões. Os juros atrasados pela região somaram US\$ 27 bilhões em dezembro último, o equivalente a 6% da dívida externa total.

Um outro fator complicou a contabilidade da dívida regional no ano passado: o declínio do dólar em relação a outras moedas fortes que também são usadas na denominação das obrigações dos países devedores. O BID estima que esse fator, isoladamente, foi responsável por US\$ 3 bilhões a mais na dívida externa.

De acordo com o relatório, a depressão econômica no Brasil, do Peru e da Argentina explica boa parte do recuo do PIB regional, dado que os três países correspondem a cerca de 55% do PIB da América Latina e do Caribe.

O PIB argentino caiu 2%

(Continua na página 19)

A ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, tinha um encontro previsto neste domingo com o ministro da Fazenda do Japão, Ryutaro Hashimoto, e com o secretário assistente do Tesouro americano, David Mulford. A ministra, na reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) no sábado, em Nagoya, ficou sentada entre Mulford e Hashimoto.

GAZETA MERCANTIL